

Quando se fala em curas espirituais é necessário uma análise criteriosa para o perfeito entendimento ("perfeito entendimento" para o nível de entendimento atual da humanidade) dos processos envolvidos e a participação de cada componente para que se possa atingir o maior proveito possível dentro das limitações inerentes a algo tão complexo.

Desta forma, os melhores exemplos que se tem disponível para a análise são as curas realizadas por Jesus e que foram descritas nos Evangelhos. Entretanto, importa ressaltar que toda informação contida nos Evangelhos Canônicos, por serem relatos transcritos anos após a desencarnação de Jesus, devem ser selecionadas criteriosamente sobre a fidedignidade do relato. Kardec, juntamente com os espíritos responsáveis pela Codificação Espírita, realizaram esta seleção segundo os critérios apresentados na introdução do livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Sob os critérios mencionados acima, no livro *A Gênese*, mais precisamente no capítulo XV, encontra-se os relatos extraídos dos Evangelhos para as curas realizadas por Jesus, seguido de seus valiosos comentários. Analisando este capítulo, percebe-se claramente a didática utilizada e, mais especificamente, a conclusão que Kardec desejava demonstrar.

Partindo dos três primeiros relatos, tem-se:

### **1) Perda de sangue:**

Uma mulher sofria de hemorragia e tocou a roupa de Jesus sem que ele visse, porém ele percebeu uma diferença distinta daquele toque em meio à multidão.

Nesta situação, em que uma multidão se aglomera em torno de um indivíduo, pode-se conceber que várias pessoas o estariam tocando ao mesmo tempo. Porém, neste relato, Jesus percebeu algo em especial, diferente de todos os outros, pois, neste toque, sentiu um fluxo de fluido saindo dele em direção àquele ou àquela que o tocou.

O interessante deste relato é que Jesus ficou curioso em conhecer quem era o responsável pela atração do fluido que expeliu naturalmente mediante ao estímulo que recebera. Olhando ao seu redor e perguntando aos discípulos quem o havia tocado, a mulher, cheia de receio, se apresentou, pois sentiu o efeito imediato daquele fluido em sua organização física-perispiritual. Jesus a olhou e disse: "sua fé te curou".

Conclui-se que Jesus não pode ter "impregnado" o fluido com qualidades específicas, pelo simples fato de ele não saber quem o tocou.

### **2) O cego de Betsaida:**

Jesus colocou saliva nos olhos de um cego de nascença e, depois aplicou a imposição das mãos. Como o homem não havia recobrado a visão completamente, uma vez que

enxergava formas distorcidas, Jesus colocou as mãos nos seus olhos e, então, pôde ver claramente.

Neste caso, o procedimento de cura foi mais complexo do que o anterior, pois foi necessária uma ação local - nos olhos, outra no ser como um todo, e ainda a imposição das mãos, e após verificação do resultado, administrou outro procedimento, as mãos sobre os olhos.

Por este relato, conclui-se que Jesus utilizou da ação fluídica intencionalmente, com qualidades específicas e de formas variadas. É importante ressaltar que nos procedimentos de tratamento em casas espíritas, nem sempre o médium poderá dispor de conhecimento detalhado sobre o paciente, devendo, portanto, dispor de orientações para procedimento geral para estas situações. Para maiores esclarecimentos sobre este ponto, ver estudo no *link*: <http://ccconti.com/Artigos/OPasse.pdf>.

### **3) Paralítico:**

Jesus disse ao paralítico: “Levanta-te, toma o teu leito e vai para sua casa” e assim ele o fez.

Dentre os três casos em análise, este é sem dúvida o processo mais simples, pois bastou que Jesus verbalizasse um comando para que a cura acontecesse.

Apesar deste caso, e outros similares, apresentarem ares de milagrosos, Kardec apresenta a explicação para o caso. A chave para esta questão está no que Jesus disse ao paralítico antes do comando para que andasse; disse ele: “Meu filho, tem confiança; perdoados te são os teus pecados”.

Kardec explica que o paralítico em questão se encontrava nesta condição em decorrência de faltas cometidas em outras encarnações. Jesus, em decorrência de sua elevação, acessando a condição espiritual do paciente, constatou que ele já havia cumprido o que lhe cabia, estando quite com a Providência, portanto, podia ser liberado do processo educativo no qual se encontrava.

Pode-se, então, concluir que o comando emitido por Jesus serviu, para o paralítico, como uma liberação da expiação na qual se encontrava, tal qual a sineta das escolas libera os alunos da aula.

Baseado nestes três casos em que houve sucesso na cura de doentes sofrendo de enfermidades e motivos diferentes, percebe-se, claramente, que os procedimentos não foram os mesmos. Desta forma, pode-se dizer que a cura utilizando fluidos é mais complexa do que a simples administração de um “medicamento” e, também, que o paciente não fica passivo no processo de cura.

Nesta abordagem, podemos creditar certa “inteligência” ao fluido no sentido de este atuar diferentemente, dependendo da ocasião: 1. Em algumas situações teria condições de reconhecer como agir; 2. Noutros casos, teria ação local; 3. Ou, ainda, teria ação geral.

Diante das curas realizadas por Jesus, em que sempre afirmava que a fé do paciente é que o havia curado, e desta análise, pode-se perguntar: 1. Quanto é ação do médium (passista ou curador)? 2. Quanto é ação das próprias células do paciente?; 3. Quanto é ação do paciente?

Do ponto de vista do paciente, que é o foco deste texto, a ação do médium estaria fora de seu controle.

Com relação à ação das próprias células do paciente, o corpo apresenta numerosos processos de manutenção da saúde, portanto, este é o estado natural do corpo. A enfermidade é um estado anômalo que deve ser combatido pelos sistemas de segurança; desta forma, a ação das células por si mesma no combate aos agentes que causam as enfermidades é um processo natural do organismo e que pode ser potencializado pelo próprio paciente, mas sem uma ação consciente.

Resta, portanto, a ação do paciente na cura física que só pode ser alcançada juntamente com a cura espiritual.

Em uma das passagens de Jesus, apresentada n'O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo XIX, diante de uma dificuldade encontrada pelos discípulos para expulsar um "demônio" de alguém, eles questionaram Jesus o motivo pelo qual não alcançaram o intento e obtiveram a seguinte resposta: "Por causa da vossa incredulidade. Pois em verdade vos digo, se tivésseis a fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis a esta montanha: Transporta-te daí para ali e ela se transportaria, e nada vos seria impossível".

Desta passagem foi cunhada o dizer: "A fé transporta montanhas". Haveriam duas possibilidades de interpretação para o tema em estudo: 1) As montanhas seriam as dificuldades e que, com fé, o indivíduo ficaria mais fortalecido para vencê-las e; 2) As montanhas seriam corpos materiais realmente, portanto, com fé o indivíduo seria capaz de alterar a conformação material de algo. Estas duas abordagens, quando aplicadas na prática, conduzem à estados de saúde.

Na primeira interpretação, sendo as montanhas uma referência às dificuldades que todos enfrentam no dia-a-dia e que necessitam ser trabalhadas de uma forma ou de outra, a fé, isto é, a certeza de que as atribuições são ocorrências que conduzem o espírito à melhor condição de desenvolvimento, servirá de conforto e determinação para enfrentar as batalhas adequadamente.

A falta de fé, a fé vacilante ou o apego aos interesses materiais e que sensibilizam os sentidos físicos conduzem à fraqueza no enfrentamento das diversidades que tanto irá gerar sofrimento quanto pode conduzir ao fracasso; estes eventos são geradores de grandes males tal como a lamentação contumaz geratriz de desarmonias, estados depressivos, entre outros.

Na segunda interpretação, as montanhas sendo referência à estruturas materiais, inclusive o próprio corpo físico, a fé de que, sendo o ser inteligente, será capaz de interferir nos fenômenos que ocorrem com a sua estrutura corporal e em seu entorno. A mente em harmonia, na certeza de ser um filho de Deus e, portanto, merecedor de Sua atenção e afeto, poderá contar com a Providência Divina estabelecendo processos

educativos condizentes com seu estado mental. Assim, os fenômenos que vivenciará servirão para conduzi-lo à melhor condição de desenvolvimento, em um sistema de aprendizado mais ameno e produtivo.

Novamente, a falta de fé, a fé vacilante ou o apego aos interesses materiais e que sensibilizam os sentidos físicos produzirão fenômenos compatíveis, formando eventos aflitivos nos acidentes de variados matizes e enfermidades das mais diversas. O processo educativo ainda nestes casos se mantém, porém são mais grosseiros e menos produtivos para o espírito em decorrência das desarmonias geradas.

Neste sentido, verifica-se nas passagens de Jesus envolvendo cura, que ele reitera aos pacientes que foi a fé que eles traziam em seu ímo que os tinha curado, na qual atribuída a maior importância. Assim, diante desta mensagem de Jesus, deve-se perguntar o porquê e a resposta pode ser encontrada no próprio processo reencarnatório.

Kardec, no livro A Gênese, Capítulo XI, intitulado Gênese Espiritual, um dos tópicos abordados neste capítulo é a encarnação dos espíritos que, em linhas gerais, pode ser esquematizado segundo o quadro a seguir:



Neste quadro, observa-se que existem dois processos acontecendo concomitantemente, sendo que um é decorrente do outro, isto é, não poderiam ocorrer individualmente. Assim, tem-se o processo material - fecundação, formação do feto, nascimento,

desenvolvimento do corpo e morte; e o processo espiritual - perturbação das faculdades psíquicas e despertar gradual.

No processo reencarnatório, tem-se que o espírito gerencia a formação e desenvolvimento do corpo, portanto, este gerenciamento permanece desde o início até o final do processo quando ocorre o desenlace final - a morte física - quando o corpo, livre da inteligência organizadora, se desagrega.

Sendo o espírito encarnado o mantenedor da estrutura corporal, mesmo que haja um processo de cura de fora para dentro, isto é, um espírito como Jesus “force” o restabelecimento da saúde, após determinado tempo, que poderá ser curto ou longo, dependendo das mazelas do espírito, a enfermidade se restabelecerá. Portanto, sem a adequação psíquica não há saúde duradoura.

Esta conclusão foi muito bem apresentada por Kardec, também no livro A Gênese, quando analisou a passagem de Jesus que relata o seu encontro com dez homens que sofriam de lepra.

Ao rogarem a piedade de Jesus, os dez leprosos foram orientados a se mostrarem para os sacerdotes da época, durante o caminho, eles se viram curados, sendo que um deles voltou para agradecer e render graças. Ao ser informado que os outros nove não retornaram, Jesus disse àquele que estava diante dele: “Tua fé te salvou”.

Kardec analisa este relato da seguinte forma no item 17 (transcrito parcialmente): “Acrescentando: «Tua fé te salvou», fez ver que Deus considera o que há no âmago do coração e não a forma exterior da adoração. Entretanto, também os outros tinham sido curados. Fora mister que tal se verificasse, para que ele pudesse dar a lição que tinha em vista e tornar-lhes evidente a ingratidão. Quem sabe, porém, o que daí lhes haja resultado; quem sabe se eles terão se beneficiado da graça que lhes foi concedida? Dizendo ao samaritano: «Tua fé te salvou», dá Jesus a entender que o mesmo não aconteceu aos outros”.

O trabalho de estabelecimento da cura de qualquer enfermidade, seja psíquica ou física, demanda a transformação pessoal para que possa ocorrer realmente, caso contrário, pode ser que seja apenas aparente, retornando após determinado tempo. O mais indicado, portanto, é a profilaxia, onde se trabalha pela transformação antes que haja o estabelecimento de enfermidades educativas, nesta condição, o sofrimento é minimizado e a tarefa muito mais fácil.